

## **TEMPOS MODERNOS: A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA PRIMÁRIA EM DIVINÓPOLIS-MG E A QUESTÃO DA HIGIENE ESCOLAR (1918-1928)**

Raquel de Jesus Evangelista<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo visa caracterizar a presença das concepções de higiene no Grupo Escolar "Padre Matias Lobato" em Divinópolis-MG. Para isso, este trabalho contempla a utilização de fontes primárias: a documentação da Câmara Municipal de Divinópolis-MG, que possibilitou a compreensão do pensamento do poder político local sobre a questão sanitária; o acervo do Grupo Escolar "Padre Matias Lobato", no qual encontramos registros das atividades pedagógicas e do cotidiano escolar; a *Revista do Ensino*, em que constam as determinações oficiais educacionais sobre o tema da saúde nas escolas do Estado de Minas Gerais. Entende-se que o cumprimento das diretrizes sobre higiene dentro da escola foi possível em função do investimento governamental e da recepção dos indivíduos presentes naquele espaço. O resultado da pesquisa possibilita o entendimento das individualidades institucionais, construídas pelas conexões entre as pessoas que fazem parte da instituição e a sociedade em que convivem.

**Palavras-chave:** Educação; Higiene; Grupo Escolar.

## **MODERN TIMES: THE IMPLEMENTATION OF THE PRIMARY SCHOOL IN DIVINÓPOLIS-MG AND THE ISSUES OF SCHOOL HYGIENE 1918-1928)**

**Abstract:** This study aims to characterize the presence of hygiene concepts in the "Padre Matias Lobato" School Group in Divinópolis-MG. For that, this work contemplates the use of primary sources: the documentation of the Municipality of Divinópolis-MG, which allowed the understanding of the thought of the local political power on the health issue; the collection of the "Padre Matias Lobato" School Group, in which we find records of pedagogical activities and school life; the *Revista do Ensino*, which contains the official educational determinations on the subject of health in schools in the State of Minas Gerais. It is understood that compliance with hygiene guidelines within the school was possible due to government investment and the reception of individuals present in that space. The result of the research makes it possible to understand the institutional individualities, built by the connections between the people who are part of the institution and the society in which they live.

**Keyword:** Education; Hygiene; School Group.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto, Licenciada e Bacharela em História na mesma instituição. (<http://lattes.cnpq.br/8409540445073830>).

## Introdução

Este estudo se insere no campo da História da Educação, se norteia pelos pressupostos da Nova História Cultural ao analisar fontes provenientes de dois segmentos institucionais, a escola e o Estado, e tem como objetivo identificar a presença das práticas e instruções sanitárias do início da República no Grupo Escolar “Padre Matias Lobato” em Divinópolis-MG.

Atualmente, o campo da História da Educação se encontra solidificado tanto no Brasil como em outros países. Essa estabilidade, se dá exatamente em função do diálogo permanente com a produção historiográfica e com seus arcabouços teóricos e metodológicos.<sup>2</sup>

Sabemos que, sobretudo, a partir da fundação da revista francesa *Annales d'histoire économique et sociale*, por Lucien Febvre e Marc Bloch, muitos dos pressupostos da história positivista passaram a ser criticados e a História, não mais restrita à política, interessa-se também por aspectos econômicos, sociais e culturais da sociedade. Sobretudo nos últimos quarenta anos, passa-se cada vez mais a valorizar os sujeitos ‘esquecidos’ da História, como as crianças, as mulheres e as camadas populares. Sentimentos, emoções e mentalidades também passam a fazer parte da História e fontes até então consideradas pouco confiáveis e científicas também passam a constituir indícios para a reconstrução de um passado.<sup>3</sup>

As autoras supracitadas, apontam que essas tendências historiográficas provocaram uma mudança de olhar na seleção dos objetos de pesquisa e na forma de abordá-los. Temas como a cultura e o cotidiano escolar, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais (professores, professoras, e também alunos e alunas), a imprensa pedagógica, os livros didáticos, entre outros, têm sido crescentemente estudados e

---

<sup>2</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVAO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

<sup>3</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVAO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 39-40.

valorizados. É crescente também a tendência à realização de estudos mais localizados, que lidam com realidades mais circunscritas e com períodos mais curtos de tempo.

Ao selecionar a escola como objeto de estudo, é preciso reconhecer a existência da cultura própria da instituição pesquisada. Essa cultura se conforma, de modo particular, com certas práticas sociais onde a escola está situada, pois os sujeitos nela inseridos (família, professores, alunos e funcionários) são os elementos que formam essa cultura.<sup>4</sup>

Os estudos sobre cultura escolar têm sido examinados no campo historiográfico no sentido de compreender características e individualidades das instituições de ensino, o que, pode ser descrito como:

[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).<sup>5</sup>

O autor aponta que a cultura escolar não pode ser estudada sem a compreensão das relações conflituosas ou pacíficas de cada período de sua história, considerando-se as subjetividades dos sujeitos nela inseridos.

Nesse sentido, ao apresentar que o funcionamento organizacional da escola não se baseia apenas em um plano burocrático, é reconhecido que, a escola é uma instituição da comunidade, sendo a base para o conceito de sociedade moderna, onde normas, valores e práticas são disseminados,

---

<sup>4</sup> SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. In: *Educar*. Curitiba, n. 28, 2006, p. 201-216.

<sup>5</sup> JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, jan./jun. 2001, p. 9-43.

através dos discursos, das formas de comunicação e das linguagens presentes no cotidiano escolar.<sup>6</sup>

Assim, podemos entender um novo movimento em relação aos arquivos da escola, que vem permitindo historicizar os dispositivos e as práticas constituintes de modalidades de cultura escolar. O autor mostra como a reconfiguração da história das instituições escolares passa pela análise dos registros escolares, assim como dos relatórios de diretoras e de inspetores da instituição pública. Ao estudar tais documentos, percebemos uma representação pedagógica que promove a identificação entre o processo de institucionalização dos grupos escolares e a crescente racionalização das relações sociais, objetivada em múltiplos dispositivos de parcelamento e controle do tempo e esquadramento do espaço. Nessas representações, o grupo escolar aparece como lugar de racionalização, no âmbito educacional, da forma capitalista de organização do trabalho. Portanto, o grupo escolar não é apenas uma instituição modelar que sintetiza expectativas pedagógicas e políticas de racionalização, mas constitui também um dispositivo de conformação de uma cultura urbana configurada em uma ordem social.<sup>7</sup>

Os estudos sobre as práticas de higiene no espaço escolar possibilitam reconhecer as relações entre escola, determinações oficiais e sociedade. Ao mesmo tempo em que o espaço escolar reproduz as definições de uma comunidade em um determinado período (cultura, ideologia, controle social), ela também possibilita a reflexão crítica do espaço social.

A pesquisa sobre a higiene no espaço escolar no início da República no Brasil demonstra que tal temática estava presente na agenda do governo

---

<sup>6</sup> SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. In: *Educar*. Curitiba, n. 28, 2006, p. 201-216.

<sup>7</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: forma escolar em Belo Horizonte (1906/1918)*. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.

como uma medida necessária, visando o desenvolvimento de uma nação moderna e promotora da formação dos cidadãos.

O modelo de ensino baseado na racionalidade, cientificidade, urbanização, nos valores cívico e morais de conduta e nos ideais de progresso, representava as convicções do início do Brasil República.<sup>8</sup> Para isso, a escola emerge como o local propício para a construção do novo cidadão republicano. Mas, como a escola, com seus limites, poderia conseguir o êxito de tal tarefa?

Para entender tal questão, são apresentados o cotidiano nos grupos escolares de Minas Gerais. Essa análise foi desenvolvida a partir do estudo bibliográfico e da investigação sobre higiene encontradas na *Revista do Ensino* e no acervo do Grupo Escolar “Padre Matias Lobato”. No ano de 2019, a escola se tornou centenária, ela abriga um acervo documental significativo, mas boa parte do seu arquivo se perdeu ou deteriorou ao longo do tempo. Este texto é iniciado com um breve histórico de suas fontes de pesquisa. Em seguida, as práticas de higiene dentro do espaço escolar são relacionadas às determinações oficiais, local e estadual, sobre higiene por meio da documentação da Câmara Municipal de Divinópolis-MG e da *Revista do Ensino* publicada pela Secretária de Educação de Minas Gerais.

O recorte cronológico, deste trabalho, compreende o intervalo de 1918 a 1928 e se justifica em função de ser o ano de instalação do Grupo Escolar “Padre Matias Lobato” e termina quando se completa sua primeira década de funcionamento no primeiro endereço, pois posteriormente a instituição escolar será instalada em outro local.

---

<sup>8</sup> ABREU, Vanessa K. *A Educação Moral e Cívica: disciplina escolar e doutrina disciplinar – Minas Gerais (1969-1993)*. 2008. 102f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

## **Um breve histórico das fontes: o Arquivo da Câmara municipal de Divinópolis-MG, o Grupo Escolar “Padre Matias Lobato” e a Revista do Ensino de Minas Gerais**

O arquivo da Câmara Municipal de Divinópolis-MG localiza-se na própria instituição, que atualmente está situada na rua São Paulo, 277 no centro da cidade. Parte do arquivo encontra-se digitalizado, facilitando as pesquisas sobre a cidade e a região do centro-oeste de Minas Gerais. Nesta pesquisa foi utilizado um livro de tal acervo documental, pois nele se encontra o registro que passa a cidade de vila para cidade, além de conter as normas sanitárias adotadas nos espaços públicos e privado: o Livro de Leis e Resoluções n. 1, iniciado em 20 de junho de 1912, analisado da folha 19 até a 40, onde se encontra a lei n. 59 datada de 24 de dezembro de 1918.

O Grupo Escolar “Padre Matias Lobato” foi instalado em 1918, doze anos após a Reforma João Pinheiro<sup>9</sup>, datada de 1906, implementada por meio da aprovação do Decreto n. 4924 de 09/01/1918. O nome da escola é homenagem a seu fundador e idealizador, Padre Matias Lobato<sup>10</sup>. Inicialmente, essa instituição propunha a modernidade educacional para a cidade de Divinópolis-MG, uma escola para o povo, um dos requisitos relacionados à escola na visão republicana.<sup>11</sup>

A escola foi inaugurada no dia 21 de abril de 1918, situada na avenida 1º de junho, n.570, no centro da cidade de Divinópolis-MG. Devido ao

---

<sup>9</sup> João Pinheiro (1860-1908), presidente do Estado de Minas Gerais, instituiu uma ampla reforma educacional, em 1906, estabelecendo os grupos escolares como modelo para a organização das escolas públicas.

<sup>10</sup> Pe. Matias Lobato nasceu na cidade de Maravilhas-MG, em 29 de junho de 1884. Em 1904, ingressou no Seminário Maior de Mariana-MG, onde foi ordenado padre em 04 de abril de 1908. Ele atuou em várias cidades de Minas Gerais, como em Pitangui e Maravilhas. Em 1911, foi transferido para Divinópolis, além de sua atuação espiritual, ele também, se mobilizou aos problemas sociais e políticas das comunidades onde passou, contribuindo para a prosperidades material de seus paroquianos. Pe. Matias Lobato viveu seus últimos dias, no hospício de Barbacena em Minas Gerais, privado de suas faculdades mentais, onde morreu no dia 25 de junho de 1917, aos 33 anos.

<sup>11</sup> GRUPO ESCOLAR “PADRE MATIAS LOBATO”. *Livro termo de posse e assentamento* (mas tem atas também): 1918-1950. [Divinópolis]: [s. n.]. Acervo manuscrito institucional de consulta local.

aumento da demanda de matrículas, foi construída a segunda parte do prédio, em 1929, no mesmo endereço. Exibindo uma arquitetura coerente com a época de sua criação, a escola ostentava um belíssimo prédio com árvores frondosas no pátio de recreação, salas amplas e arejadas e podia-se notar um ambiente agradável e aprazível. O primeiro diretor foi Salatiel Rodrigues de Melo, que veio de Bom Despacho-MG em 30 de janeiro de 1918 e que também lecionava na escola - pelo menos no seu primeiro ano de funcionamento, com a turma da 2ª série. Os primeiros professores foram: Carmelita Xavier Gontijo, Elvira Carmelita Pereira, Hilda de Oliveira Mata, Olímpia Augusta de Moraes e Miguel de Assis Rocha, que tomaram posse em 20 de março de 1918. Havia a porteira, Amélia Augusta de Moraes, que tomou posse em 04 de abril de 1918. As matrículas de 1918 totalizaram 382, sendo 204 alunos e 178 alunas.<sup>12</sup>

No referido endereço, a instituição funcionou até 1968, quando foi transferido para um novo prédio, situado na Praça Benedito Valadares, Centro, s/n., onde permanece em atividade até os dias atuais. Em 1974, o então grupo escolar passa a ser denominado Escola Estadual “Padre Matias Lobato”, com a extensão do nível escolar, pela Reforma de 1º e 2º Graus Lei n. 5.692, de 11/08/1971.<sup>13</sup>

A documentação do Grupo Escolar “Padre Matias Lobato” se apresenta como significativa para o entendimento da importância da escola primária na disseminação dos hábitos de higiene. Nos primeiros sete anos as normas sanitárias estavam alinhadas as determinações da Câmara Municipal. Com o retorno da circulação do periódico oficial educacional do Estado de Minas Gerais, a *Revista do Ensino*, pode-se pressupor que a instituição escolar passa a incorporar, também as suas instruções a partir de 1925, por ter esse

---

<sup>12</sup> GRUPO ESCOLAR “PADRE MATIAS LOBATO”. *Livro termo de posse e assentamento* (mas tem atas também): 1918-1950. [Divinópolis]: [s. n.]. Acervo manuscrito institucional de consulta local.

<sup>13</sup> Informações da placa de inauguração do novo endereço.

impresso registrado nos arquivos da escola e de atividades semelhantes no livro de atividades escolares.

A *Revista do Ensino* de Minas Gerais foi um periódico publicado pela Secretaria de Educação do Estado, com circulação entre 1892 e 1971<sup>14</sup>, que pautava seus artigos na perspectiva de informar os professores sobre os avanços científicos obtidos pelas pesquisas educacionais. Essa revista circulava nas escolas com orientações não só para o campo pedagógico propriamente dito, mas também apresentava questões relativas aos aspectos morais e políticos da educação para toda sociedade mineira. Foi um importante veículo de informações sobre o entendimento das atividades pedagógicas das escolas no período em que circulou. Suas publicações abordavam o ensino como um todo: haviam instruções sobre as disciplinas de Matemática, Português, Educação Moral e Cívica, entre outras, sobre psicologia da criança e do adolescente, orientações para a educação de adultos, alimentação e higiene, informes sobre as pesquisas educacionais com o intuito de melhorar o ensino e o desempenho dos professores e alunos.

A *Revista do Ensino* inicia sua circulação em 1892 com três publicações. Após 33 anos, em 1925, o periódico volta a circular e circula até 1940, com 175 edições. Novamente, sua publicação é interrompida por cinco anos devido aos infortúnios da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e volta a ser publicada em 1946. A *Revista do Ensino* permanece ativamente em circulação, com periodicidade irregular, por 25 anos até a sua extinção, em 1971, com 239 números publicados. Nota-se a longevidade dessa revista, que perdurou por cinco décadas e foi considerada uma das mais representativas da história da educação mineira, não apenas pela sua duração ao longo do

---

<sup>14</sup> RODRIGUES, Elaine; BICCAS, Maurilane. Imprensa pedagógica e o fazer historiográfico: o caso da Revista do Ensino (1929 – 1930). *Acta Scientiarum Education*, Maringá-PR, v. 37, n. 2, abr/jun, 2015.



tempo, mas pela sua relevância no processo de formação dos profissionais da educação, principalmente, dos professores do Estado de Minas Gerais.<sup>15</sup>

O acervo da *Revista do Ensino* se encontra digitalizado no site<sup>16</sup> da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, nesta pesquisa, foram utilizadas nove edições publicadas no período de análise desta pesquisa (entre o n.1 e o n.26). Podemos perceber que as publicações não seguiam um critério preestabelecido de período de publicação, tiragem e número de páginas, por exemplo.

### **O Grupo Escolar “Padre Matias Lobato”: a sociedade local e as informações oficiais sobre higiene**

No Brasil Republicano, a organização dos serviços de higiene pública se deu logo no início desse período de muita efervescência sobre o novo, novos tempos, tempos modernos.<sup>17</sup> Mas todo esse discurso “esbarrava” na população, que ainda desenvolvia, no seu cotidiano, práticas culturais que deveriam ser suprimidas, principalmente em relação a educação e saúde, para que os surtos epidêmicos fossem superados.

Determinados aspectos da política sanitária da cidade de Divinópolis-MG, onde o Grupo Escolar “Padre Matias Lobato” se localiza, podem ser encontrados no Livro de Leis e Resoluções n.1 da Câmara Municipal da Villa Divinópolis do ano de 1912. Tais aspectos almejavam a organização e o desenvolvimento da vida urbana na cidade. Para isso, foram criadas normas sanitárias individuais e coletivas que orientavam as pessoas em diversos aspectos, no comércio, nos espaços público e privado. Para o comércio, as orientações recaíam sobre o funcionamento das indústrias e sobre a venda

---

<sup>15</sup> RODRIGUES, Elaine; BICCAS, Maurilane. Imprensa pedagógica e o fazer historiográfico: o caso da Revista do Ensino (1929 – 1930). *Acta Scientiarum Education*, Maringá-PR, v. 37, n. 2, abr/jun, 2015. p. 151-163.

<sup>16</sup> <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128280>. Acesso em 14/02/2021.

<sup>17</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: forma escolar em Belo Horizonte (1906/1918)*. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.

de alimentos. As instalações das fábricas não podiam exalar odores, precavendo o ar da poluição no espaço urbano. A carne e o leite vendidos não poderiam ser provenientes de animais doentes ou mortos acidentalmente e as frutas e legumes deveriam ser frescos e estar em bom estado para o consumo. Era exigido que os vendedores estivessem em bom estado de saúde, sem doenças contagiosas. E já havia a proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores de 21 anos.<sup>18</sup>

Sobre a organização do espaço público, as indicações se referiam à disposições, alinhamento e à limpeza das ruas, avenidas, praças, construções urbanas e rurais. As construções deveriam seguir um planejamento, caso alguma edificação estivesse fora das prescrições, poderia estar sujeita a ser reconstruída, também não eram permitidas a existência de estalagens, casas de moradia coletiva e cortiços. Havia uma grande exigência em relação à limpeza da cidade: a coleta de lixo residencial era feita pela manhã em dias determinados, eram cobradas multas caso alguém jogasse lixo e até animais mortos nas ruas, praças e córregos. Nesse período, passou a ser proibido enterrar corpos humanos fora do cemitério ou deixar o corpo insepulto por mais de 24 horas.<sup>19</sup>

No espaço privado, os agentes municipais poderiam fazer inspeções nas residências orientando as pessoas no sentido de evitarem sujeiras e entulhos que pudessem prejudicar a saúde da população. Eram proibidos cães ou outros animais vagando pelas ruas, os animais mortos deveriam ser enterrados pelos seus donos e os formigueiros em terrenos privados deveriam ser eliminados, sob pena de multa. As residências eram abastecidas com

---

<sup>18</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE DIVINÓPOLIS-MG. Repartições externas municipais. In: *Livro de Leis e Resoluções: 1912-1918*. [Divinópolis], n. 1, p. 22-40.

<sup>19</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE DIVINÓPOLIS-MG. Repartições externas municipais. In: *Livro de Leis e Resoluções: 1912-1918*. [Divinópolis], n. 1, p. 22-40.

água potável e encanada, oferecida pelo poder público local, com cobrança de taxa.<sup>20</sup>

Haveria a possibilidade de inspeções higiênicas nas casas, igrejas e prédios públicos pela polícia sanitária quando necessário, o que permitia o exame das instalações sanitárias existentes nas habitações particulares ou coletivas. As construções deveriam ter escoamento de esgoto ou tanque de coleta, caso contrário, deveriam ser desfeitas. As pessoas eram orientadas sobre as normas e os cuidados com a higiene pessoal, o manuseio dos alimentos e os cuidados para a prevenção e tratamento de patologias contagiosas ou epidêmicas. Por exemplo, em caso de suspeita ou diagnóstico de alguma doença transmissível (febre amarela, varíola, tuberculose, peste do oriente, entre outras), era preciso informar ao poder público local, fazer isolamento social na própria residência, ou em lugar conveniente, assim, a casa seria desinfetada. Estava autorizado, em caso de resistência, o uso da força policial e a pessoa ainda estaria sujeita a multa. Se estivesse confirmado o contágio epidêmico, a autoridade local deveria requisitar auxílio do Governo do Estado para organizar postos de vacinação (caso houvesse), enfermarias e hospitais-barracas longe da circulação urbana para a realização do isolamento dos doentes.<sup>21</sup>

A legislação aprovada em 1912 pela Câmara Municipal de Divinópolis trouxe consigo um modelo idealizado de convívio social, baseado em novos valores urbanos e modernos, desejando superar a forma tradicional-rural de convívio social e de hábitos até então inexistentes, principalmente em relação às questões sanitárias. A ênfase dada diz respeito aos comportamentos a serem exigidos da população urbana em relação à conservação ou restauração da saúde, higiene e medidas destinadas a preservar a saúde pública ou particular de tudo

---

<sup>20</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE DIVINÓPOLIS-MG. Repartições externas municipais. In: *Livro de Leis e Resoluções: 1912-1918*. [Divinópolis], n. 1, p. 22-40.

<sup>21</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE DIVINÓPOLIS-MG. Repartições externas municipais. In: *Livro de Leis e Resoluções: 1912-1918*. [Divinópolis], n. 1, p. 22-40.

quanto poderia prejudicá-la, principalmente em relação à doenças endêmicas ou contagiosas.<sup>22</sup>

Desse modo, entende-se que todas as instruções, em forma de lei, tinham um caráter educativo e buscavam adequar o comportamento do corpo social à vida urbana moderna. Almejava-se o abandono das práticas costumeiras da cidade que caminhavam no sentido contrário das normas de higiene e saúde, necessárias para uma melhor qualidade de vida da população. Educar pela lei era uma medida voltada a toda população, mas principalmente aos adultos, pois as crianças teriam a oportunidade de aprender esses novos hábitos no espaço escolar e levá-los para o seu cotidiano nas suas relações sociais.

No ano de 1921, foi criado o Serviço de Educação e Propaganda Sanitária, de âmbito nacional, incubido de produzir materiais didáticos para instruir a população sobre a prevenção de pequenas e grandes patologias, que eram um mal para os novos tempos, como tuberculose, varíola, verminose, lepra, entre outras doenças.<sup>23</sup> Desse modo, foram criadas imagens, voltadas para as crianças, mas que também serviam para a grande população analfabeta, em que se representava as pessoas infectadas como assustadoras, feias, sujas, tristes, perigosas, em contraste com as imagens de pessoas saudáveis, que representavam indivíduos saudáveis, limpos, bem arrumados, vigorosos e sorridentes, conforme as Figuras 2, 3, 4 e 5 desta pesquisa. O uso da didática para disseminar os preceitos sanitários.

Contudo, os serviços de assistência prestavam-se também aos incontroláveis desejos de intervenção, moralização e disciplinarização da população pobre dos bairros urbanos ou das zonas rurais. Os saberes médico e social foram amplamente utilizados nesse

---

<sup>22</sup> CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa. O ideal sanitário e de beleza contido nos estatutos de 1912 da Câmara Municipal da Villa Divinópolis. In: *Resgate*, vol. XIX, n. 21, jan./jun. 2011. p. 85-95.

<sup>23</sup> BERTOLLI FILHO, C. *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 248p. Antropologia & Saúde collection. ISBN 85-7541-006-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 11/05/2020.

empreendimento de intervenção sobre as populações, no qual a escola ocupou um papel relevante. Saúde, higiene e eugenia associados a educação, tornaram-se, nos anos de 1920, tema privilegiado para proposições sobre a transformação da sociedade brasileira, regeneração física e moral do povo e construção da nacionalidade.<sup>24</sup>

Seguindo esse pensamento, a articulação da saúde no espaço escolar buscava disseminar os hábitos de higiene, asseio, limpeza e condutas saudáveis. Esses hábitos deveriam ser incorporados às práticas educativas escolares e as crianças os levariam para suas relações sociais e, principalmente, familiares.

Da necessidade de uma estreita aliança entre a família, o médico e a escola, somente poderá duvidar quem jamais encarou a questão mesmo de passagem [...]. As moléstias cujo desenvolvimento é favorecido pelo meio escolar merecem especial cuidado, propaganda ativa para a profilaxia e cura: sarampo, coqueluche, algumas moléstias dos olhos, pele, a sífilis, etc. [...] os fenômenos de congestão periférica ainda ocasionam outros males, entre os quais as violentas dores de dente de escolares, que privam a escola da frequência de excelentes alunos [...]. A porcentagem de anemiados e cloróticos é grande; os ancilostomiados, os que sofrem de outros parasitas intestinais, os míopes, os duros de ouvidos, os que padecem de vegetações adenoides e tantos outros, formam legiões nas escolas [...]. Temos aí uma lista pequena dos males que se encontram entre os estudantes, males que podem ser prontamente julgados por uma ação conjugada do professor inteligente e do médico humanitário. E não são só entre esses males. Quantas crianças pobres frequentam com extraordinário sacrifício as aulas de algum estabelecimento público e, afinal, não conseguem, devido a enfermidades e defeitos orgânicos, um resultado que compense o seu heroico esforço. Examinar periodicamente essas crianças, tratá-las, medicá-las, tal é o fim do serviço de assistência médico-escola, cuja criação se impõe à ilustre classe médica e ao proficiente e caridoso corpo de farmacêuticos e dentistas, mesmo antes da ação dos poderes públicos.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. *Alicerces da pátria: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976)*. 1ª ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2009, p. 205.

<sup>25</sup> NOVAIS, Alceu de Souza. Assistência médico escola. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, 8 de março de 1925, n. 1, p. 32.

A relação entre família, médico e escola se tornou um tripé na busca de uma melhoria das práticas sanitárias sociais, pois os médicos alcançariam diretamente as crianças e, de certa forma, levariam as informações sobre higiene e bons hábitos de saúde para os outros integrantes da família. A função do médico escolar era investigar nos estudantes alguma anormalidade ou enfermidade nos olhos, nos ouvidos, na boca, nos dentes, no nariz, na garganta, na pele, nos pulmões, fazer o controle da vacinação, principalmente da varíola, informar sobre nutrição, aferir peso, altura, fazer exame no baço e detecção de vermes nas crianças.

Destaca-se, porém, que não eram todas as escolas, sobretudo as do interior do país, que tinham os profissionais da saúde presentes em seu cotidiano, como era o caso do Grupo Escolar “Padre Matias Lobato”, que não dispunha deste profissional, deste modo, as próprias professoras ficavam responsáveis por detectar as possíveis doenças e por abordar a questão sanitária no cotidiano escolar. Os assuntos relacionados à higiene encontrados nos registros da escola, no período de referência desta pesquisa, são: combate ao álcool e ao fumo, varíola, vacinação, combate a tuberculose, sífilis, lepra, alimentação e saúde, temas abordados nas publicações da *Revista do Ensino*.

A respeito da saúde, a professora é quase tão responsável pelo desenvolvimento de hábitos higiênicos quanto o médico. Em toda epidemia a maior influência para debelar o mal, é a da professora. Sem descontar a responsabilidade e o trabalho dos pais e as instruções dadas pelo médico da família, ainda assim fica provado que a professora é quem fixa, em grande parte, os hábitos sadios da criança. Admito que todo estabelecimento de ensino normal avalia a impotência do conhecimento completo da professora quanto aos princípios fundamentais de higiene.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> A ESCOLA deve ensinar aos alunos o modo de viver e é a professora quem, em grande parte, faz despertar, na criança, hábitos sadios e bons. Traduzido da revista americana – Normal Instructor and primary Plans. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, janeiro de 1926, n. 10, p. 16.

Na edição de abril de 1927, o Dr. Lucas Machado, médico escolar da capital, publicou um artigo na *Revista do Ensino* explicando os programas de higiene escolar do Estado de Minas Gerais.

Nos nossos programas de ensino primário acham-se discriminados os pontos de higiene que devem ser ensinados. São, sem dúvida, pontos bem escolhidos, entretanto a responsabilidade da professora ante seus alunos relativamente ao ensino da higiene deve levá-la muito além da explicação singela daquela questão. Ensinar higiene da escola deve ser preocupação constante, manifestando-se a cada oportunidade e sob todas as formas. Para isso devemos lembrar que o exemplo, em matéria de hábitos de higiene, é um recurso muito eficaz e deve, sempre que possível, ser posto em prática. A criança tem, instintivamente, a tendência de repetir aquilo que vê fazer, e, deste fato, devemos tirar o maior proveito possível. Assim, um método que, certamente, dará excelentes resultados é o seguinte: quando a professora suspende a classe para o recreio diz aos seus alunos: - "Temos agora que cuidar da nossa merenda, e como as nossas mãos não devem estar limpas, vamos todos primeiramente lavá-las com sabão para que a merenda não nos faça mal", acompanhando-os assim, diariamente, ao lavabo, e dando-lhes o bom exemplo terá ela no fim de certo tempo incutido em seus alunos um utilíssimo hábito que certamente os acompanhará por toda a vida.<sup>27</sup>

Nesse artigo, o médico escolar reforça o papel das professoras para o sucesso dos programas de higiene escolar, dando diversos exemplos de como as práticas de educação sanitária podem chegar, por meio das crianças, no ambiente familiar. Nesse contexto, outro problema que se impunha era que as escolas do interior não tinham médicos e enfermeiras escolares, sendo que as funções desses profissionais recaíam sobre as professoras, que assumiam o papel complexo de identificar as crianças com problemas de visão e audição e colocá-las sentadas nas primeiras carteiras, perceber se os alunos aumentaram de peso, descobrir e isolar os que estivessem manifestando sintomas de alguma doença contagiosa etc.

Na sua moderna concepção, a escola primária desempenha extraordinário papel na 'formação sanitária' do indivíduo. Hoje uma

---

<sup>27</sup> MACHADO, Dr. Lucas. O papel da professora no ensino da hygiene. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, abril de 1927, n. 20, p. 424.

escola que não ensina ao aluno o dever da limpeza corporal, a noção mais exata quanto possível da profilaxia das moléstias contagiosas, especialmente da tuberculose, a repulsão ao álcool e ao fumo, a necessidade de uma alimentação sadia, da vida ao ar livre, em uma palavra – o cultivo inteligente da saúde – é uma escola defeituosa, que desempenhou somente o metade do seu papel: uma escola, pode-se dizer... que falhou!<sup>28</sup>

Na edição de agosto/setembro de 1927 da *Revista do Ensino*, o Dr. Lucas Machado recebe uma resposta à suas críticas sobre as escolas não alcançavam os objetivos propostos pelos programas de saúde escolar. A réplica vem da professora Mariana Noronha Horta, da cidade de Belo Horizonte, que publica um artigo na *Revista do Ensino*, em que explica por que certas escolas não conseguiam obter os resultados esperados, assim como aponta os problemas enfrentados no cotidiano escolar.

[...] O serviço de higiene escolar foi, pois, na Capital do Estado, iniciado com um programa brilhantíssimo e complexo. Todo o trabalho perfeitamente relacionado com o serviço de classes, visa disseminar em alta escala, hábitos higiênicos, individualizar ensino e exercícios físicos, quando preciso. O médico faz o estudo antropológico generalizado da criança; corrige anomalias; prescreve alimentação especial; faz tratamentos oportunos; cogita da condição do prédio e de acomodação da criança; estabelece estímulo; põe em contato a Família e a Escola. Enfim, por todos os meios, o serviço é executado por quem trabalha com entusiasmo, com inteligência, com denodo insuperáveis, para que novos horizontes se abram na história de nossa educação. No entanto, há quem proclame a sua ineficiência, ante tanto esforço e sacrifício! [...]. As boas ideias são ventiladas pela imprensa, no mundo inteiro; os bons tratados os há, às dúzias, com ensinamentos de enfermagem. E a mais rudimentar lógica nos ensina como executá-las pelas nossas mãos se é que o pessimismo brasileiro paradoxalmente descrê da nossa capacidade organizadora também nessa parte... [...]. Um povo dominado por credulidades, afeito aos remédios superficiais, às curandeiras, simpatias, bezedeiras, arraigado a preconceitos, eis tudo! O mal se generalizou rotineiro, e deixou raízes até às altas classes sociais que ainda sofrem o mal das suscetibilidades... Isso para não dizer dos meios de higiene, ou antes, falta de meios de higiene, numa grande porcentagem da população pobre, sobretudo no tocante a vestuário, acomodação e alimentação, sendo que a última é por vezes, deficiente, sobre ser má;

<sup>28</sup> MACHADO, Dr. Lucas. O papel da professora no ensino da higiene. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, abril de 1927, n. 20, p. 425.



e onde o preconceito não deixa que penetre a ação benéfica do higienista. Intermendiária entre os pais, aluno e higienista, tenho notado, quanto se choca o embate do meio, a medida que se quer implantar. E o trabalho de educação continua reclamando de nossa parte, heroíco esforço para que a higiene escolar se lhe integralize de modo eficaz. [...]. Estou certa de que a higiene escolar terá exito acabado na escola. [...]. O que é preciso é vencer o meio, vencer sucessibilidades mal compreendidas, para o que todas as armas são poucas. [...]. E é nós professores, que cabe a linha de frente. Exortemos a criança, povoemos-lhe o cérebro de novas crenças boas, mostrando-lhe o erro, a ficção das crenças más que vão herdando. [...]. Quebrems com pertinencia as resistencias da adaptação do trabalho ao programa; quebrems, enfim, essas mil dificuldades [...].<sup>29</sup>

A professora Mariana Noronha Horta explicita que, dentro das escolas, era feito o possível para se cumprir os programas de saúde escolar, mas as educadoras enfrentavam as práticas enraizadas das famílias, superstições e crenças, que não se fundamentavam nas medidas científicas de higiene e saúde. Porém, as professoras buscavam fazer a sua parte, estudavam, liam artigos, revistas, faziam cursos, entre outras formações complementares.

Na edição do mês de outubro de 1928, foi publicado o relatório das aulas do curso de aperfeiçoamento aos professores, realizado no mês de agosto do mesmo ano nos dias 8, 13 e 23, baseado nas determinações dos Inspetores Gerais, e que teve como tema a higiene escolar. O curso foi ministrado pelo Dr. Oswaldo de Mello Campos, que apontou a importância do trabalho das professoras em relação à higiene dos alunos.

O exemplo constante da escola como casa de higiene, que ela deve ser, influirá poderosamente sobre as crianças, afim de que elas adquiram hábitos higiênicos. Assim, os hábitos adquiridos na escola constituirão, depois, uma segunda natureza. O escolar, com uma boa orientação do professora, levará para seu lar os conhecimentos higiênicos da escola e, certamente, melhorará suas condições higiênicas.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> HORTA, Mariana Noronha. A medicina e a escola. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, agosto/setembro de 1927, n. 22, p. 507-508.

<sup>30</sup> AGOSTO. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, outubro de 1928, n. 26, p. 72.

Então, cabia às professoras, além de instruir sobre saúde e higiene, inspecionar o asseio das crianças. As docentes deviam estar atentas às partes descobertas do corpo dos alunos, como mãos e rosto, deveriam instruí-los sobre a importância do uso de calçados, pois estariam protegidos de mordidas de répteis e de contaminações, assim, esses hábitos se estenderiam aos outros membros da família. Outro ponto destacado foi a higiene dentária, que, considerada também como parte da beleza estética individual, era um problema: muitos alunos faltavam às aulas por dor de dente e a falta dos dentes prejudicaria a pronúncia. Era importante que a professora orientasse as crianças a escovar os dentes e a usar fio dental para a limpeza diária dos dentes, para se evitar a cárie e outros problemas bucais.

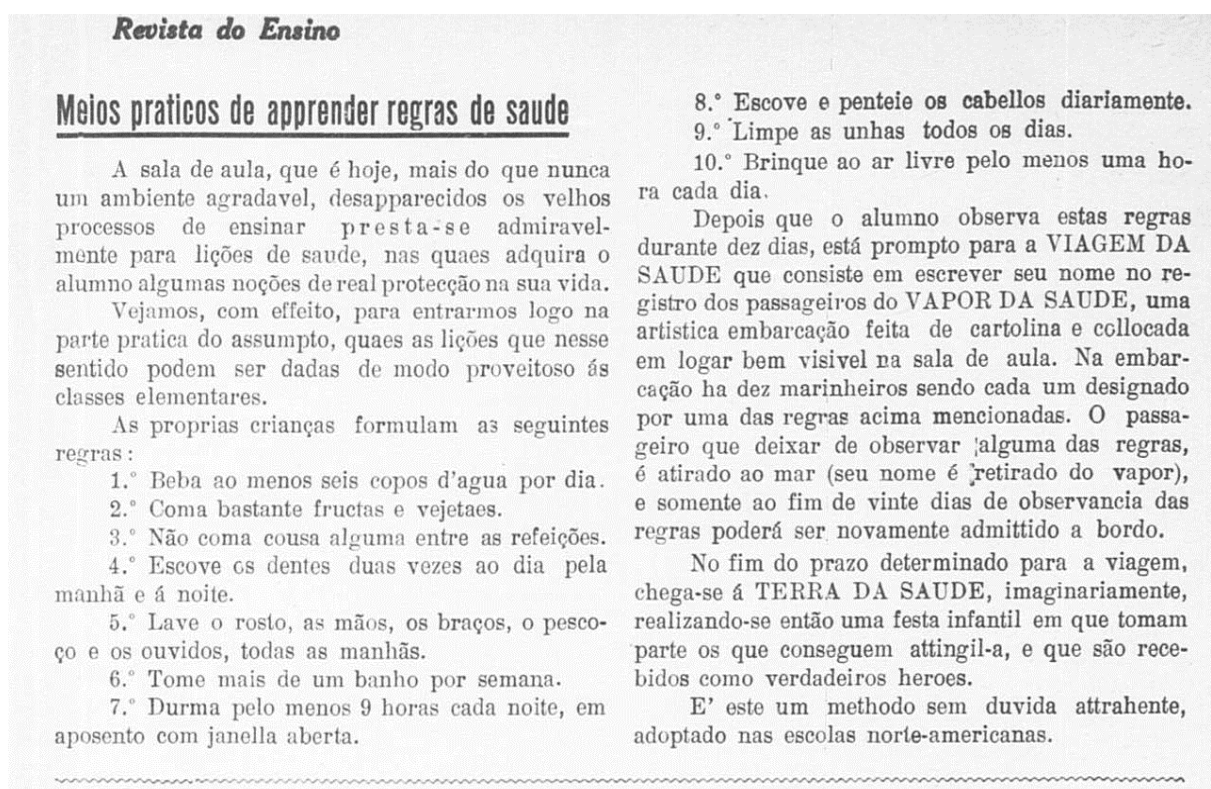
Nesse relatório, é apontada a importância da professora dar atenção especial para os alunos pobres, porque muitos, além de não terem educação higiênica, muitas vezes tinham acesso escasso a alimentação. Por isso, destaca-se a criação das cantinas escolares, para oferecer uma merenda forte para as crianças. Muitos alunos ficavam fadigados por fraqueza ou também por excesso de atividades escolares e as professoras deveriam saber dosar as atividades escolares, baseando-se em idade, sexo, condições sociais, estação do ano, hora do dia, dia da semana, entre outros.

Desse modo, as professoras buscavam alternativas criativas para difundir, as boas práticas de higiene e saúde. Na documentação do Grupo Escolar “Padre Matias Lobato” encontra-se, em uma ata de reunião do Livro de Atividades, o registro de ações relacionadas à higiene. Um hábito apontado pelas professoras, que precisava ser corrigido, era a postura dos alunos, e uma sugestão foi aumentar a frequências das reuniões do Clube de Leitura. Nessas reuniões, a professora orientadora, além de estimular a prática da leitura, iria também ensinar a postura correta aos estudantes e, como resultado dos estudos, os alunos poderiam fazer dramatizações sobre diversos assuntos, inclusive a questão da higiene.

Essas recomendações estavam em consonância com as normas legais da cidade, onde está localizado o grupo escolar, assim, identifica-se uma relação entre instituições, o poder local, a escola e o periódico educacional oficial do Estado, com o intuito de modificar os hábitos e as práticas da população, inclusive as relacionadas à saúde individual e coletiva.

A seguir, as Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6, retiradas da *Revista do Ensino*, representam materiais e sugestões que poderiam auxiliar as professoras nas aulas de higiene.

**Figura 1:** MEIOS práticos de aprender regras de saúde

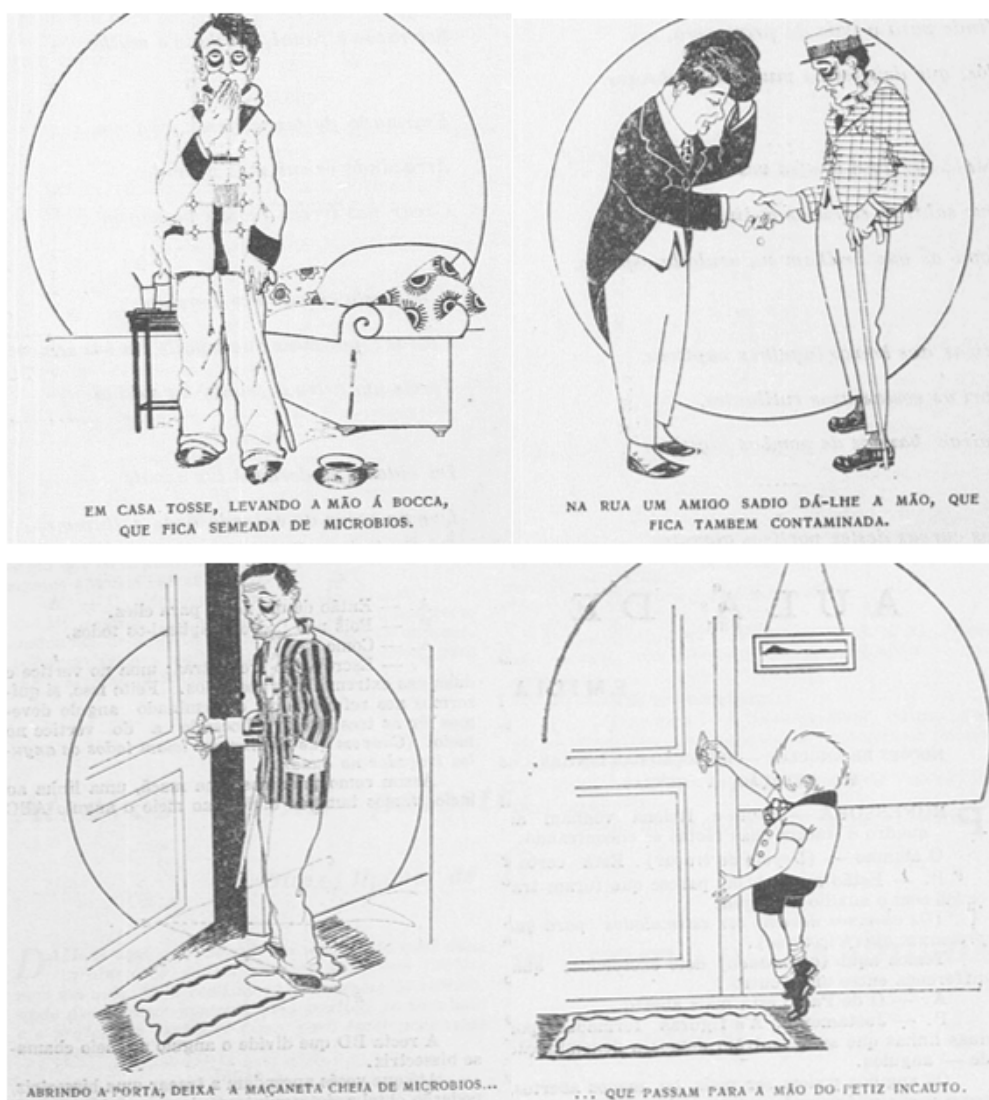


**Fonte:** *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, 16 de junho de 1925, n. 4, p. 106

A Figura 1 mostra um exemplo de atividade para ser feita junto aos alunos: são apresentadas, de forma lúdica e atrativa, regras para serem praticadas diariamente, como na Figura 2, que apresenta cenas do dia a dia. Nessa figura, as imagens acompanham um diálogo entre professora e alunos, apresentando a importância do uso do sabão para limpeza do corpo e

principalmente das mãos, para se evitar a transmissão e o contágio de doenças causadas por micro-organismos, como: tuberculose, lepra, febre tifoide, cólera, entre outras. A imagem ilustra como é possível uma pessoa contaminada transmitir sua doença, mostrando ações simples do cotidiano de qualquer pessoa.

**Figura :** MODO prático e fácil de ensinar hygiene: O sabão – sua utilidade – Noções de asseio.



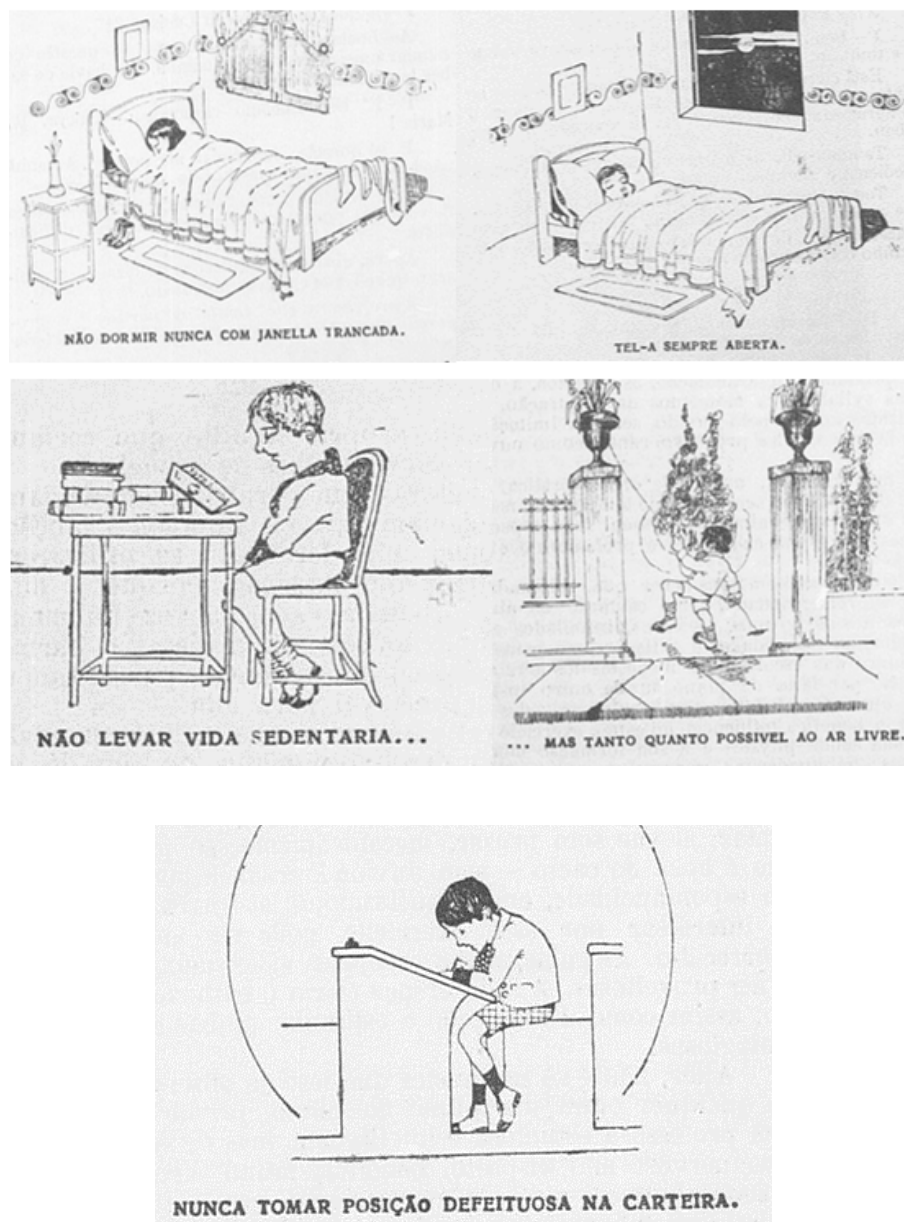
**Fonte:** Revista do Ensino. Belo Horizonte, maio de 1926, n. 14. p. 162-164

Nas imagens, apresenta-se de forma didática como é feita a contaminação da tuberculose, mas trata-se de instruções para se prevenir outras doenças. As figuras mostram que, ao se ter contado direto ou próximo com o doente, ou ao tocar em objetos usados por ele, é possível ficar doente também. As imagens têm a intenção de mostrar para as crianças a importância de se lavar as mãos com sabão várias vezes ao dia, principalmente antes das refeições, quando chegar da rua, ao pegar em dinheiro, depois dos trabalhos escolares, antes de dormir e ao acordar, e também não dar as mãos e não entrar no quarto de uma pessoa doente, além de evitar abraços e beijos.

Na Figura 3, há outra ilustração sobre os cuidados para se evitar a tuberculose, mas que servem para prevenção de doenças de forma geral. Destaca-se a importância de uma boa alimentação, baseada em leite, farinha, arroz, feijão, manteiga, frutas, pão, carnes, vegetais. Tudo na sua hora apropriada e sempre lembrando de mastigar bem. Respirar ar puro, se expor ao sol e evitar lugares abafados, sem ventilação, com muitas pessoas próximas, dormir com as janelas abertas pelo menos dez horas por dia, não levar uma vida sedentária, não cuspir no chão, não colocar as mãos no nariz e na boca, ter atenção à postura para uma boa respiração, para fazer a limpeza da casa, não varrer e sim usar pano molhado para não espalhar a poeira, são outros hábitos citados na *Revista*.



**Figura 3:** AULA de higiene. Como evitar a tuberculose: Conselhos e noções que os alunos devem saber.

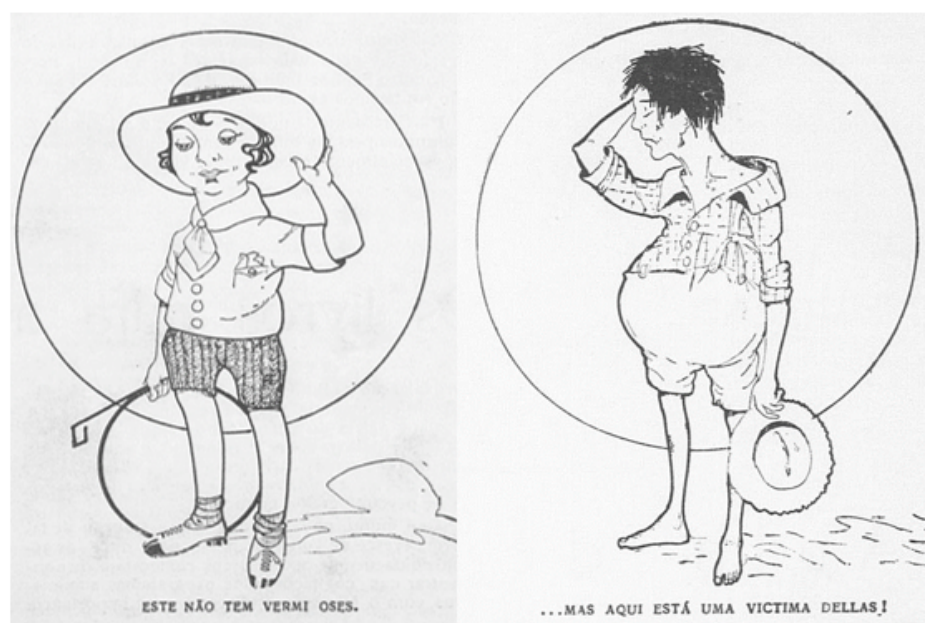


**Fonte:** Revista do Ensino. Belo Horizonte, junho de 1926a, n. 15, p. 218-219

A seguir, a Figura 4 mostra uma imagem que auxiliaria as educadoras nas aulas de higiene, nos momentos em que as crianças se recusavam a tomar os remédios que o médico escolar lhes prescrevia. Nesse artigo, ilustra-

se a contaminação por vermes, por meio de um diálogo entre a professora e os alunos, em que se explica, além do porquê de se tomar os remédios, os sintomas da verminose - tontura, dor de estômago, entre outros -, e como evitar a contaminação de vermes - não andar descalço, lavar as mãos, beber água limpa e filtrada, higienizar os alimentos antes de comê-los e não ingerir carne crua ou mal cozida.

**Figura 4:** AULA de hygiene. *Revista do Ensino*



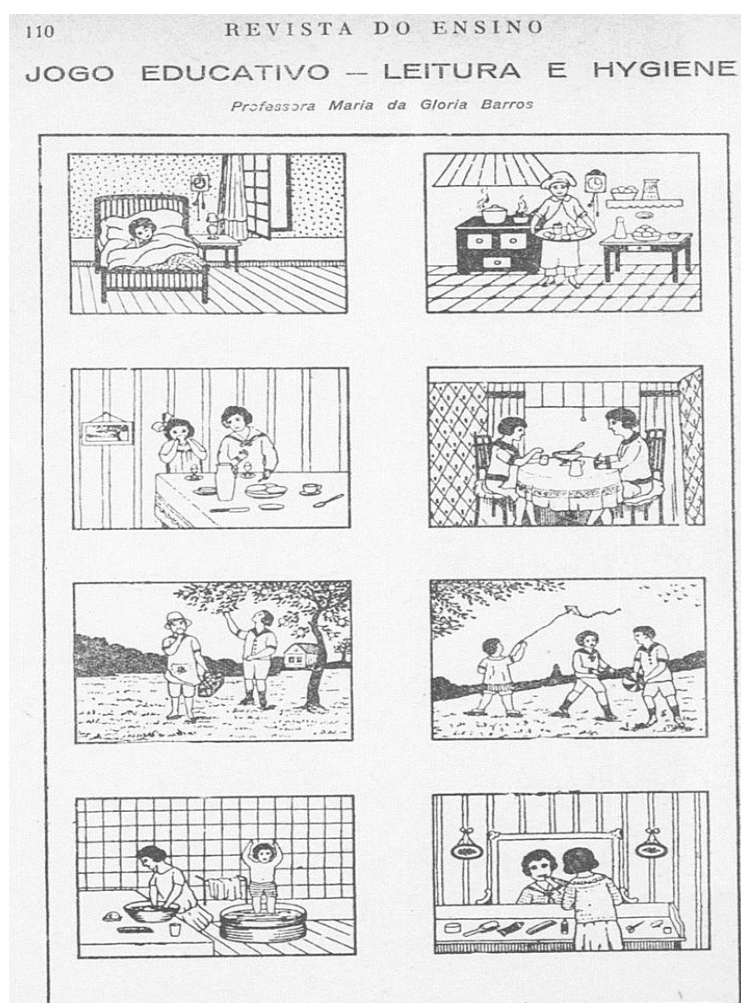
**Fonte:** Belo Horizonte, agosto de 1926b, n. 16-17, p. 307-308

Essas sugestões poderiam auxiliar as professoras, principalmente porque o público escolar era bastante diversificado. No acervo do Grupo Escolar “Padre Matias Lobato”, encontra-se, também em ata de reunião do Livro de Atividades, que a escola recebia alunos de todas as classes sociais, alguns com bons princípios e outros com maus hábitos, principalmente no que se refere à higiene. Destaca-se que os alunos mais pobres, com algumas exceções, eram os que tinham mais dificuldades nas práticas de higiene pessoal, conforme comentário sobre o desleixo dos uniformes.

Não sabemos por que os pais dessas crianças, confundem pobreza com falta de asseio. É necessário que a criança aprenda os preceitos da higiene, e quão importante é o papel desta, na saúde. Para que a criança adquira vontade de ser asseada, é preciso que seja estimulada; com quadro de notas, clube de higiene e também com gravuras, desenhos feitos por elas, trazendo escritos sugestivos e colocados nas paredes das privadas, salas de sopa e mesmo de aulas.<sup>31</sup>

As sugestões das professoras estão relacionadas ao que era divulgado na *Revista do Ensino*, e a Figura 5 representa tal sintonia.

**Figura 5:** BARROS, Maria da Glória. Jogo educativo – Leitura e Higiene

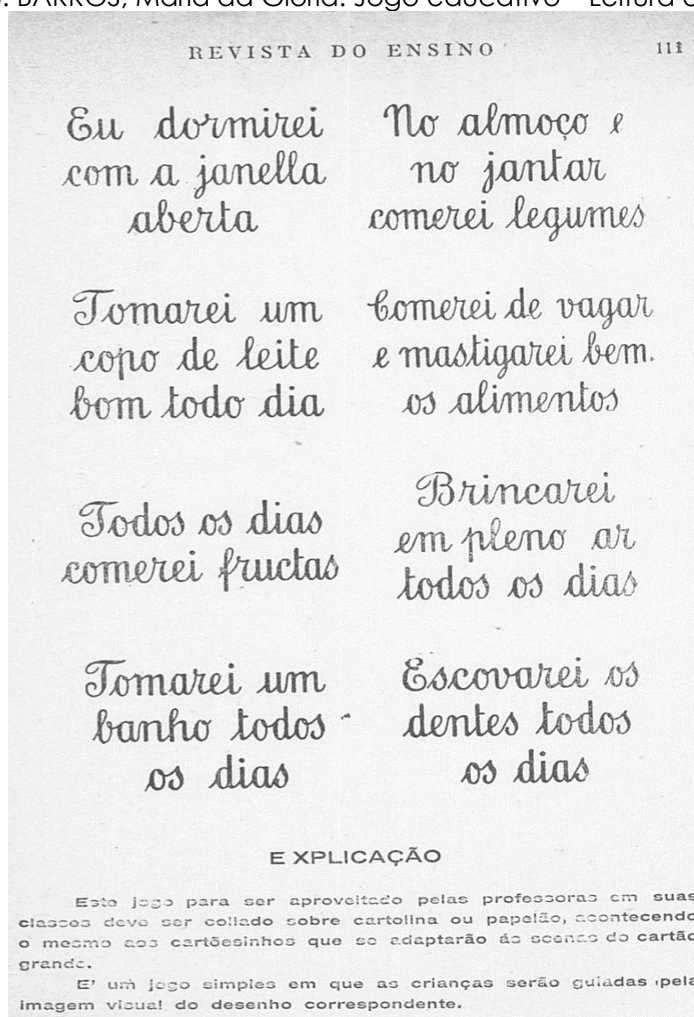


**Fonte:** Revista do Ensino. Belo Horizonte, outubro de 1928, n. 26, p. 110

<sup>31</sup> GRUPO ESCOLAR "PADRE MATIAS LOBATO". *Livro de atividades escolares: 1918-1946*. [Divinópolis]: [s. n.], 1926, p. 35. Acervo manuscrito institucional de consulta local.



**Figura 6:** BARROS, Maria da Glória. Jogo educativo – Leitura e Higiene



**Fonte:** Revista do Ensino. Belo Horizonte, outubro de 1928, n. 26, p. 111

Esta atividade apresenta de forma lúdica o ensino nas aulas de higiene, na qual as práticas diárias, tanto na escola como no lar deveriam ser realizadas. O acervo da escola estudada preserva o registro de fotografias, que demonstram que o espaço escolar cumpria as determinações do Estado. Havia um local específico, que cumpria a função do "Clube de Saúde", como apresentado na primeira imagem da Figura 7. A segunda imagem da Figura 7 retrata o "Clube Agrícola", que ensinava na prática sobre alimentos saudáveis e seu cultivo. Também encontra-se arquivado o cotidiano das "Salas de Aulas", na terceira imagem, em que podemos perceber as grandes

janelas que foram projetadas para cumprir a função de arejar as salas, para melhor circulação do ar, com intuito de evitar doenças respiratórias, por exemplo. E a quarta e última imagem mostra a “Sala de Sopa” que, era, e ainda é, uma assistência alimentar para as crianças carentes.

A sopa escolar, a merenda e o copo de leite passaram a ser distribuídos nas escolas subsidiados pelos recursos da caixa escolar. A relação entre aprendizagem e nutrição passou a ser invocada pelos educadores para explicar resultados do rendimento escolar e o baixo desempenho dos alunos pobres.<sup>32</sup>

A “Sala de Sopa” representava um investimento financeiro e coletivo, sendo que a escola, além de transmitir conhecimento, também, de modo complementar, assumia a nutrição das crianças carentes.

**Figura 7:** Compilado de imagens do Grupo Escolar “Padre Matias Lobato”. 1. Clube ou Pelotão de saúde; 2. Clube agrícola; 3. Sala de aula; 4. Sala de sopa.



**Fonte:** Album de fotografias do arquivo da Escola Estadual “Padre Matias Lobato”, 1918-1968.

<sup>32</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. *Alicerces da pátria: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976)*. 1ª ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2009.

## **Considerações finais**

Neste trabalho foi abordada a implantação da escola primária em Divinópolis-MG e a sua relação com as práticas de higiene encontradas nos arquivos da Câmara Municipal da cidade e das notícias oficiais publicadas na *Revista do Ensino*. Buscou-se perceber os diálogos possíveis entre prática pedagógica, informações oficiais e sociedade, visto que o problema sanitário estava presente na agenda do governo: almejava-se o progresso nacional e a população não poderia manter hábitos que propiciassem a proliferação das epidemias.

Sobre tal projeto de progresso nacional, as escolas foram o local propício para a disseminação dos valores republicanos e, conseqüentemente, de informações relacionadas à saúde – que constituem a temática desta pesquisa. Diante da expectativa dos tempos modernos, a escola seria um local para a formação desse novo homem republicano, tão almejado nesse momento da história do Brasil. As professoras eram consideradas como elementos principais no ensino de hábitos de higiene para as crianças e para que essas levassem os aprendizados escolares para suas relações sociais.

As práticas produzidas na escola, como aulas sobre higiene, encenações sobre o tema, produção de cartazes, criação e atividades dos Clubes de Saúde, Clube Agrícola e Clube de Leitura, estavam relacionados às indicações publicadas na *Revista do Ensino* e à legislação local. O objetivo dessas ações era o cuidado com o corpo, e as escolas, com todas as suas dificuldades, tentaram, e de certa forma conseguiram, alcançar um resultado satisfatório -mesmo o Grupo Escolar “Padre Matias Lobato”, que não contava com um médico escolar, deixando a cargo das professoras as instruções e a inspeção higiênica dos alunos.

Em um esforço individual, com um objetivo coletivo, a escola reforçava a importância da higiene para a saúde da população. E, sendo na escola ou no lar, as medidas sanitárias deveriam estar presentes no cotidiano das

peessoas. Durante o início da República no Brasil, não só a escola, mas toda a cidade de Divinópolis-MG, estava em consonância com os preceitos de higiene da modernidade almejado pelo governo nacional.

## Referências

- A ESCOLA deve ensinar aos alunos o modo de viver e é a professora quem, em grande parte, faz despertar, na criança, hábitos sadios e bons. Traduzido da revista americana – Normal Instructor and primary Plans. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, janeiro de 1926, n. 10, p. 16.
- ABREU, Vanessa K. *A Educação Moral e Cívica: disciplina escolar e doutrina disciplinar – Minas Gerais (1969-1993)*. 2008. 102f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- AGOSTO. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, outubro de 1928, n. 26, p.72-74.
- ALBUM DE FOTOGRAFIAS DO ARQUIVO DA ESCOLA ESTADUAL "PADRE MATIAS LOBATO", 1918-1968.
- AULA de hygiene. Como evitar a tuberculose: Conselhos e noções que os alumnos devem saber. In: *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, junho de 1926a, n. 15, p. 218-219.
- AULA de hygiene. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, agosto de 1926b, n. 16-17, p. 307-308.
- BARROS, Maria da Glória. Jogo educativo – Leitura e Hygiene. In: *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, outubro de 1928, n. 26, p. 110-111.
- BERTOLLI FILHO, C. *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 248p. Antropologia & Saúde collection. ISBN 85-7541-006-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 11/05/2020.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História, ou o ofício de historiador*. André Telles (TRAD.). 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Seção 1, p. 6377.
- CÂMARA MUNICIPAL DE DIVINÓPOLIS-MG. Repartições externas municipais. In: *Livro de Leis e Resoluções: 1912-1918*. [Divinópolis], n. 1, p. 22-40.
- CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa. O ideal sanitário e de beleza contido nos estatutos de 1912 da Câmara Municipal da Villa Divinópolis. In: *Resgate*, vol. XIX, n. 21, jan./jun. 2011. p. 85-95.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: forma escolar em Belo Horizonte (1906/1918)*. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- GRUPO ESCOLAR "PADRE MATIAS LOBATO". *Livro de atividades escolares: 1918-1946*. [Divinópolis]: [s. n.], 1926, p. 35. Acervo manuscrito institucional de consulta local.



GRUPO ESCOLAR "PADRE MATIAS LOBATO". *Livro termo de posse e assentamento* (mas tem atas também): 1918-1950. [Divinópolis]: [s. n.]. Acervo manuscrito institucional de consulta local.

HORTA, Mariana Noronha. A medicina e a escola. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, agosto/setembro de 1927, n. 22, p. 507-508.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, jan./jun. 2001. p. 9-43.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVAO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MACHADO, Dr. Lucas. O papel da professora no ensino da hygiene. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, abril de 1927, n. 20, p. 424-425.

MEIOS práticos de aprender regras de saúde. In: *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, 16 de junho de 1925, n. 4, p. 106.

MINAS GERAIS. Lei n. 439, de 28 de setembro de 1906. Autoriza o governo a reformar o ensino primário, normal e superior do estado e dá outras providências. *Coleção das leis e decretos de Minas Gerais* - 28/09/1906. pág. 20. col. 1.

MODO prático e fácil de ensinar hygiene: O sabão – sua utilidade – Noções de asseio. In: *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, maio de 1926, n. 14. p. 162-164.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. In: *Topoi*, v.14, n.26, jan./jul., 2013. p. 62-85.

NOVAIS, Alceu de Souza. Assistência médico escola. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, 8 de março de 1925, n. 1, p. 32.

RODRIGUES, Elaine; BICCAS, Maurilane. Imprensa pedagógica e o fazer historiográfico: o caso da Revista do Ensino (1929 – 1930). *Acta Scientiarum Education*, Maringá-PR, v. 37, n. 2, abr/jun, 2015. p. 151-163.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. In: *Educar*. Curitiba, n.28, 2006. p.201-216.

SOUZA, Rosa Fátima de. Alicerces da pátria: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976). 1ª ed. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2009.

Artigo recebido em 07/06/2021 e aprovado em 11/08/2021.